



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

A VELHACARIA CASTIGADA

Por ARGENTINITA

UM dia, uma astuta raposa andava rondando um pequeno quintal, donde saía o estrídulo *có-có-ró-có* dum anafado galo, entre o cacarejar das galinhas e o grasnar dos patos, quando lhe surgiu, pela frente, um lazarento burro, o qual, fazendo uma grande reverência, cumprimentou delicadamente:

— «Boa tarde, D. Raposa...»

— «Boa tarde, senhor Burro...» respondeu a manhosa, acercando-se do pobre asno e acrescentando: — «Que trémulo está!... A modos que apanhou algum susto. Ora, conte-me lá as suas mágoas!...»

— «Ai D. Raposa — (lamentou-se o jumento) — ando num contínuo sobressalto por causa de El-Rei D. Leão que jurou, pela alma do pai, que me havia de papar bem papadinho, para se vingár de uma partida que um dos meus antepassados lhe pregou. Veja que desdita a minha! Que culpa têm os filhos dos crimes dos pais?!...»

— «Tem razão, tem! (respondeu a Raposa) — A mim, também, êle me traz de olho, mas nós havemos de lhe escapar. E vamos fazer uma combinação, Valeu?»

— «Valeu! — (respondeu o pobre asno, entusiasmado) — Ora fale D. Raposa...»

— «Pois aí vai, com os pontos nos ii... Segundo me consta, *vocelência* não é lá muito esperto...»

— «Isso é má língua, minha senhora» — (retorquiu o burro agastado).

— «Bom, bom, não se zangue... Isto são coisas que dizem... Cá por mim, tenho-o na conta de um doutor!...» E, ao dizer isto, a manhosa imprimiu ao focinho um ar tão sério, que o pobre burro, não compreendendo a troça de que estava sendo alvo, agradeceu, meneando-se vaidosamente.

— «Bem! — (continuou a Raposa) — Como estamos sempre arriscados a cair nas respeitadas unhas do nosso comum inimigo, vamo-nos aliar, para, no caso de um de nós ser atacado, nos pro-



tegermos mutuamente. O senhor Burro não tem ouvido dizer que a união faz a força? Pois é uma grande verdade que vai, mais uma vez, ser cabalmente demonstrada. Compreendeu?...»

Para falar verdade, o Burro, não compreendia lá muito bem o que a Raposa queria dizer com o seu arrazoado mas, não querendo que ela modificasse a opinião que dêle formava, zurrrou qualquer coisa parecida com um *sim* e apertando, galantemente, a delicada pata da raposinha, afastou-se em cata de algumas folhas de couve com que matasse a «larica», pois havia quasi dois dias que a fome o atormentava, deixando a manhosa a rir da sua ridícula figura, enquanto ruminava na maneira de «ladravazar» uma daquelas aves que, para lá do quintal, estavam mesmo a tentar...



Muito tempo se passou sem que a Raposa e o Burro voltassem a encontrar-se. Uma tarde, em que a Raposinha passeava por uma densa floresta, pensando na maneira de arranjar qualquer pitação para a barriguinha que trazia colada às costas, encontrou, casualmente, o Burro, o qual, ofegante, parou junto dela.

— «Olá compadre... donde diabo vem você que parece o rápido do Porto?» — perguntou a Raposa, trocista.

— «Ai... ai...» — (gemeu o Burro) — se a comadre visse o que eu vi...»

— «O que foi?! Uma cobra a tirar água, outra a regar o jardim?!...» — perguntou a trocista, rindo perdidamente.

— «Não foi isso, não, senhora!...» — (disse o Burro, melindrado com a troça) — Foi o mestre Leão que, por pouco, não me deixou reduzido a um mísero esqueleto.»

— «Grande coisa se perdia — (rosnou a Raposa em aparte. E elevando a voz:) — Nada receie! Então, já se esqueceu do nosso pacto? Ora aperte estes ossos e repita que nunca faltará às condições da nossa aliança.»

Por mim pode estar certo de que respeitarei sempre o compromisso tomado e o defenderei em caso de perigo!...»

— «Sim! Sim!» — (respondeu o Burro, mais animado) — Por mim, também, os compromissos serão respeitados e...»

Um rugido feroz cortou-lhe a palavra. Voltaram-se, instintivamente, e deram, de frente, com um corpulento Leão que, de dentuça arreganhada, ameaçava cair-lhes em cima.

Mal a matreira recuperou o ânimo, acercou-se com humildade do rei da selva e, juntando as patas, suplicou:

— «Pela sua rica saúdinha, não me mate, senhor Leão que, em paga, lhe entregarei o meu companheiro.»

A fera com um ar magestoso, respondeu:

— «Levanta-te que nenhum mal te causarei, desde que cumpras a tua promessa.»

A Raposa, contentíssima, afastou-se um pouco e, chamando o Burro — que olhava a cena a tremelicar, teve artes de lhe armar uma cilada.



Para isso, levou-o junto de um pôço que estava completamente sêco, aconselhando-o a esconder-se ali, até que o Leão desaparecesse, pois ela faria o mesmo.

O pobre asno, julgando que a manhosa fazia aquilo para dar princípio ao pacto que haviam selado pouco antes, fez o que a Raposa quiz, e ela afastou-se, rindo da ingenuidade do Burro, que lhe permitia a ela salvar-se da sanha do Leão. Todavia, o castigo da sua velhacaria não se fez esperar!

Mal o Leão se convenceu de que o jumento não escaparia à sua majestosa gula, atirou-se, de improviso, à Raposa, espostejando-a num abrir e fechar de olhos. Depois, com todo o sossego, esquartejou o Burro, e, daí a instantes, das duas vítimas não restava mais do que um informe montão de ossos.

Esta história, simples na aparência, tem, no fundo, um magnífico conceito: — «Não devemos nunca fiar-nos na amizade e protecção de pessoas de reconhecida manha, porque acabaremos por ser vítimas da sua velhacaria.»

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■

A VINGANÇA DA FORMIGA

Por FELIZ VENTURA

— «**C**OMADRINHA, onde é que vai tão apressada?» — perguntou a Lesma, que se encontrava ao sol, ao ver passar a Formiga em correria.

— «Onde é que vou? — (disse esta rubra de indignação). — Então, a comadre ainda não sabe a grande pouca vergonha do senhor Grilo? Todo o dia, não pára com o seu grigrí impertinente, mesmo por baixo da trepadeira que há na minha varanda? Faz-me um mal horrível aos nervos. E ainda mais: a minha filha, como a comadre sabe, está bastante adoentada e o maldito sempre na mesma! Estou farta de lhe pedir que se cale e não há maneira. Cada vez faz pior. Isto tem de acabar de vez, lá isso tem. Vou agora a casa do meu primo Dr. Formigão, que é um grande advogado, para ouvir o que êle me diz sobre o caso. E vamos a ver quem é que tem razão.

— «Ora, comadre, não se meta com a Justiça!... Se um fica mal, o outro muito pior! Não viu o que aconteceu à Rôla? Teimou que não devia deixar passar o Escorpião à sua porta... E sabe o resultado? Foi ficarem os dois quasi a pedir; êles que tinham uma grande fortuna, não desfazendo» — disse a Lesma, rebolando-se sobre a relva.

— «Ora, ora! Lá por o senhor Grilo estar para ser seu sobrinho e enchê-la tôda de gentilezas, já pensa que eu o deixo em paz, estando, assim, a favor dêle. Está muito enganada, minha amiga, mesmo muito enganada! Quem me faz partidas destas, fá-las por uma vez.

Sim, senhor, — (disse depois noutro tom;) — Não esperava de si uma coisa dessas, lá isso não!»

— «Não me insulte nem seja mal-



criada, — (respondeu a Lesma, cheia de indignação.) — Eu não tenho nada com a sua vida!»

— «O que eu vejo é muitas caras e poucos corações — (tornou a Formiga, encaminhando-se para casa do primo Formigão enquanto a Lesma



praguejava, tôda zangada, jurando vingar-se.

Momentos depois voltou a Formiga para casa, mais descansada, porque o grande advogado tinha dado muita razão à sua queixa e prometera tratar de todo o processo, pois a Formiga havia resolvido processar o Grilo.

Chegou o dia do julgamento mas, contra o que todos esperavam, o juiz Dr. Caracol, num brilhante discurso, declarou que os códigos não permitiam que se condenasse o Grilo, em virtude de na via pública ser permitido cantar, dançar, etc.

A Formiga, como se calcula, ficou fúla mas jurou logo tirar partido da sentença. E que fez? Foi ter com a Cigarra e pediu-lhe para ela ir cantar até mais lhe não apeteecer, à porta do Grilo mas à hora em que êle se encontrasse a dormir a sesta, acrescentando que seria bem recompensada.

A Cigarra não quiz ouvir mais e, momentos depois, lá estava poisada numa roseira, que cercava a casa do Grilo, na sua cantoria.

O resultado não se fez esperar. Daí a momentos, o Grilo, que se encontrava a dormir e que não gostava de ser incomodado, principalmente àquela hora, veio, todo indignado, mandar calar tão grande impertinente. Mas a Formiga, que estava à espreita, respondeu-lhe tôda ufana:

— «Que é isso, vizinho? Não tem que se arreliar! Cada qual, na via pública, pode cantar, dançar, etc.»

E enquanto o Grilo se retirava cheio de indignação e a Cigarra continuava na sua cantilena, a Formiga ria a bandeiras despregadas pela forma como se vingara do Grilo.



Ver na 6.^a página:

O CONCURSO DOS BICHOS

JUSTO CASTIGO



I — A mãe do Francisquinho, chamou, um dia, um marceneiro para grudar umas cadeiras partidas.



II — Francisquinho, com a «sua» fígada, apanhando o marceneiro distraído, entorna uma porção de grude no acento duma cadeira já consertada.



III — Mas, entretanto, tantas tropelias faz que o marceneiro, não podendo trabalhar, faz queixa dele à Mãe.



IV — Então, a Mãe, muito zangada, repreende o Francisquinho.



V — E obriga-o a sentar-se numa cadeira, ficando, assim, de castigo, até o marceneiro terminar o seu trabalho.



VI — Finalmente, o marceneiro dá a sua tarefa por concluída e despede-se.



VII — Então, a Mãe do Francisquinho, diz-lhe que já se pode levantar.

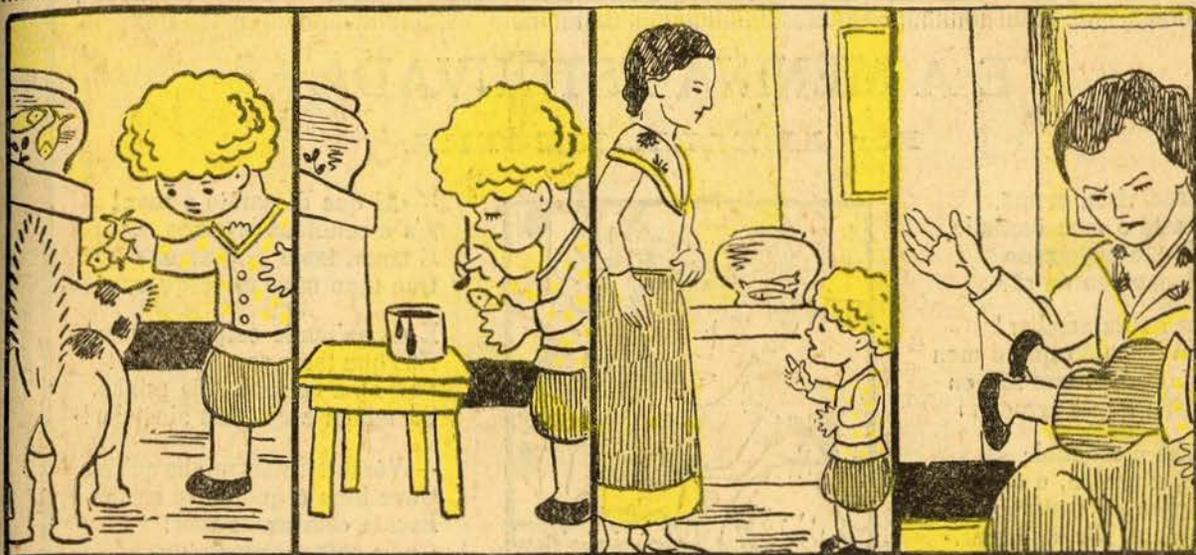


VIII — Mas Francisquinho começa a chorar e confessa à Mãe que está grudado à cadeira por haver entornado grude no acento.



IX — E, de castigo ainda, fica na cadeira até à hora de ir para a cama, onde recolhe os calções por ficarem colados ao acento.

OS PEIXINHOS ENCARNADOS



Retirando do aquário um encarnado peixinho, o pequerruchinho Mário entrega-o ao seu gatinho.

Já de volta da cozinha, com tinta encarnada, o Mário eis pintando uma sardinha e deitando-a no aquário

Chamando a Mãe, em seguida, diz, num arzinho judeu e de expressão compungida — «Mãe, um dos peixes morreu!»

Mas, ante a pintura tosca vendo o peixe destingido, a Mãe, notando a marosca, dá-lhe o castigo devido.

ANEDOTA INFANTIL

POR ACILEGRA

A O Joanito, porque bastante estudou, foi oferecido um lindo relógio de pulso.

O seu entusiasmo era grande, a sua alegria não tinha limites!

Poder ver as horas a todo o momento, saber, alegremente, quanto faltava para terminarem as aulas, e também, com tristeza, quantos minutos restavam de recreio!...

Sua mana, a Lô, como lhe chamava o irmãosito mais novinho, tinha desgosto de não possuir, também, um relógio que brilhasse e encantasse as amiguinhas. Não sabia ver as horas mas isso não fazia mal.

Os ponteiros não deixariam de andar, andar sempre e, enquanto tivessem corda, fariam constantemente: tic-tac, tic-tac...



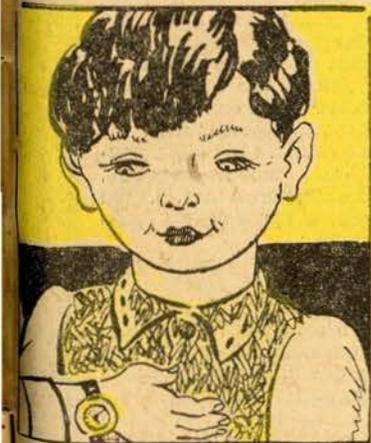
— «Olha, olha!... Não sei o que me pareces com o braço nessa posição! E' para te verem o relógio, não é?» E ri a farta.

Lô, ofendida e com as lágrimas nos olhos, responde-lhe:

«E tu e tu?!... Como andavas quando te deram o relógio?»

Sem se desconcertar, muito fleumáticamente, Joanito responde então:

— «Eu?!... Eu parecia que andava de braço ao peito!»



A mamã, um dia, coloca o seu relógio no pulso da Lô, e eis que a sua alegria não conhece limites! Um relógio, ter um relógio como o do mano!

Ao jantar, para que todos notassem que possuía aquela linda máquina, colocou o cotovelo sobre a mesa e encostou a cabecita à mão.

Desta maneira todos, todos o poderiam ver!

Joanito, então, observando-a, faz-lhe este reparo:

F I M

O CESTINHO da COSTURA

E A MENINA ESTOUVADA

Por ABELHA MESTRA

—«Acaso viste, mamã,
Onde está o meu bordado,
Aquele tão engraçado
Guardanapinho da rã?»

E' mesmo de arreliar!
Mexem em tudo que é meu
Dizem, depois, que sou eu
Que nada quero arrumar!

Às vezes é o dedal;
Outras, a agulha, o carrinho;
Nada pára no cestinho
Da costura, por meu mal!»

—«Não te zangues, meu amor
(Diz-lhe a mãe, com suavidade)
Foi ontem, não é verdade,
Que me trouxeste esta flôr?»

E que junto à ribeirinha,
Lá'baixo, ao pé do pomar,
Estiveste a trabalhar
Ao pé da tua amiguinha?»



Talvez que, por distracção,
Após brincar, nalgum lado,
Tu tivesses lá deixado
O trabalhinho no chão!»

—«Ai que disparate o meu!
A's escondidas jogámos
E tanto, tanto brincámos
Que tudo mais me esqueceu!

E eu qu'rendo culpar alguém!
Mas que tonta sou, mãizinha!
Pois se a culpa é tôda minha,
Só minha e de mais ninguém!»

—«Vês tu?! Então, minha qu'rida,
Ouve bem o que eu te ensino,
Escuta com muito tino:
Cada coisa, nesta vida,

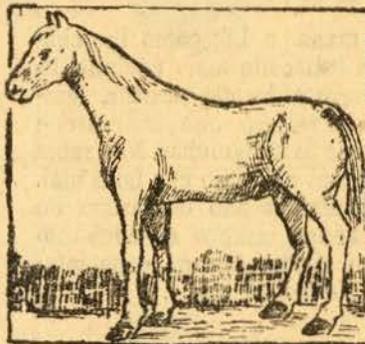
Tem seu devido lugar!
Nunca te esqueças, meu anjo,
Não há ordem, nem arranjo
P'ra quem lh'o não sabe dar!»

■ ■ F I M ■ ■

CONCURSO dos BICHOS

Com a inserção dos dois desenhos abaixo, terminou a série dos bichos que constituem o o nosso concurso.

Recebemos já algumas cadernetas de pequeninos concorren-



tes que se anteciparam, em virtude dum mal entendido ou inadvertência, resultante do facto de havermos aumentado o número de desenhos, no intuito de valorizarmos as respectivas cadernetas. Como, porém, são poucas, desde já declaramos que ficam incluídas no nosso concurso e válidas para todos os efeitos.

Ficamos aguardando a remessa das outras, a-fim de marcarmos, oportunamente, a data destinada para a reunião do júri.



CONCURSO DOS BICHOS

A AGUIA e a TOUPEIRA

Por MANUEL FERREIRA

NUM belo dia primaveril voava sobre um valado uma águia altaneira e orgulhosa.

O Sol punha-lhe reflexos coloridos nas penas. As asas abertas num vôo airoso, bico adunco, olhos desferindo chispas de alegria, a rainha das aves olhava para a paisagem que, em baixo, oferecia um aspecto deslumbrante.

Nisto, lá de cima, o seu olhar agudíssimo, viu uma toupeira que partia, apressadamente, para a toca. E, num vôo gracioso, a águia desceu junto dela e disse-lhe:

—«Estás com muita pouca sorte, toupeira! Hoje tu vais servir-me de almôço. Calcula que estou, até estas horas, com o sol a pino, sem encontrar nada que possa bicar...»

—«Com que direito é que tu me comes?» perguntou, tremendo, a toupeira.

—«Com o direito do mais forte...»
—«Do mais forte? Mas, então,

CAPRICHOS do DESTINO

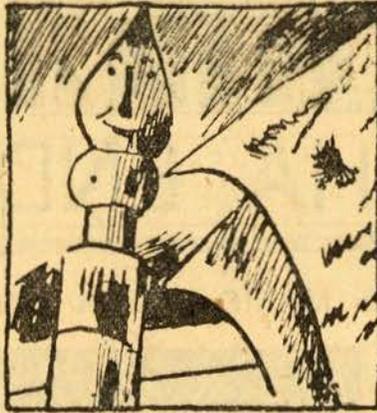
Por FELIZ VENTURA

UM dia, a pena orgulhosa,
Julgando-se superior,
Diz para o mata-borrão
«És um ente sem valor!

Se, acaso, eu fôsse o teu dono,
Já te tinha posto a andar...
Pois no cesto dos papéis
É que deves ter lugar.

Eu sirvo na secretária
Só com gente de valia.
Agora tu, para todos,
Só causas sensaboria.»

— «O que disseste é verdade,
— (Responde o mata-borrão)
Mas olha que eu, muitas vezes,
Tenho acudido ao patrão.



Quando tu sujas de tinta
O papel em que éle escreve,
Eu tenho que ir, sem demora,
Chupá-la muito ao de leve.»

Ficou a pena zangada
Por ouvi-lo assim falar
E, desde então, nunca mais
Importância lhe quiz dar.

Ora um dia, à secretária,
O patrão põe-se a escrever
Mas, ao ver a letra grossa,
Que resolve éle fazer?!

Levanta-se furibundo,
Com modos muito exaltados,
E, pegando na tal pena,
Fá-la em diversos bocados.

Mais uma vez, isto prova
Que orgulho é mal de temer!
Pois ninguém sabe o que está
para vir a acontecer!

tu, águia, vais matar um animalzinho que nunca te fez mal algum? — interrompeu a toupeira.

— «Já te disse que emprégo o direito do mais forte» — continuou a águia, orgulhosamente. — «Eu sou a rainha das aves. Voo por regiões que o homem, o rei da criação, não consegue transpôr. Sou bela, e destemida. O sol saúda-me quando eu me dirijo para éle. A natureza tôda rende-se ao meu vôo. Ainda há pouco eu atravessei montanhas, cidades e mares, vendo, a todo o instante, beleza e maravilha. Arrebato nas minhas garras um cordeiro e não hesito até em atacar o homem. Ao meu bico e às minhas garras aduncas nada resiste. O meu olhar descobre, a centenas de metros de altura, os animais, pequenos como tu, que passeiam por estes vales. As aves, quando me vêem, procuram abrigo e fogem.

Apenas tenho um rival, o leão. Mas ésse, embora forte e poderoso como eu, passa debaixo de mim, rugindo na selva, enquanto eu desafio os céus. Ele, coitado, não se eleva no horizonte. Nem sequer trepa às árvores. Apenas conhece o seu fojo que o inimigo facilmente descobre. Eu, não. O meu ninho é nas rochas escarpadas.»

A toupeira pensava na maneira de sair, com vida, daquela aventura. E, manhosa, disse-lhe:

— «Amiga águia, não me comas. Estou magra; de pouco alimento te servirei. Se tu prometeres que não me comes, arranjo-te comida fina e com farturinha...»

— «Onde? Onde?» — interrompeu a gulosa águia. — «Prometo conservar-te a vida mas...»

— «Está dito» — continuou a toupeira. — Tu segues por esse caminho fora, tudo a direito. Deves encontrar um valado e um regato rodeado de choupos e salgueiros. Anda mais para a frente e voltas à esquerda. Encontra, depois, uma casa velha e quasi destelhada. Lá, vê um belo rebanho. Cordeirinhos não faltam...»

— «Pois, bem, vou já!» E, num largo vôo, a ave partiu.

A toupeira ficou-se a rir, dizendo para um ratinho, seu compadre, que passara na ocasião e tinha ouvido a conversa:



— «O' compadre, que bela idéa! Vai buscar lá e...»

A águia chegou junto do redil. Voou em torno da velha casota onde o rebanho, chegado havia pouco da pastagem, ruminava.

Procurava um ponto fraco para o assalto, quando uma ovelha mais curiosa espreitou por entre a palis-

sada. Viu a águia adejando, sinistra, em torno do redil. Baniu desesperadamente e, ouvindo a ovelha, todo o rebanho chamou a atenção do pastor.

E enquanto a águia não desistia da rapina, o maioral, munido duma espingarda, correu ao aprisco. Atrás dele, o cão, de pêlo eriçado, a cauda abanando, olhar atento...

Não estou bem certo do que succedeu depois. O que sei é que, passados momentos, o pastor dizia para o cão:

— «Amigo «Fiel.» Cá apanhámos a maldita. Pagou por tôdas. E que bonita c'o os diabos! Hei-de ir à cidade para ma prepararem, porque quero ficar com ela, para *atimbrança*...»

No dia seguinte, o rato encontrou a toupeira:

— «O' comadre! Então, sabe o que aconteceu ontem à toleirona da águia?»

— «Sei lá... Apanhou alguma rapina...»

— «Pior um pouco. Eu soube o que aconteceu porque, quando foi o conflito, estava oculto atrás duma pedra, a toscar a cêna...»

— «Então o que foi?»

— «Que te livraste de boa, comadre toupeira. Trataram a águia de tal maneira que ela nunca mais nos faz mal...»

— «Morreu?» — perguntou a toupeira.

— «É para que a comadre veja para que serve a mania das grandezas.»

— «É bem verdade! Quanto mais alto se sobe, mais arriscado se está a cair» — concluiu a toupeira, sentenciosa.



A ALDINHA ENDIABRADA

POR MARIO COSTA PINTO

Aldinha era uma menina muito espertinha que aprendeu a ler no mesmo colégio em que andei quando eu era da vossa idade.

Estudava com grande facilidade, mas, como tinha sempre o pé a pular-lhe para a brincadeira, era endiabrada quanto podia ser, e isto dava em resultado pôr a classe em estado de sítio, volta e meia.

Esta menina ladina chegava sempre muito cedo à aula e sabem qual era o seu entretenimento? Desenhava bonecos no quadro e depois punha, por baixo de cada um, o nome dos colegas. Quando a senhora professora entrava na sala, ficava assombrada com aquela exposição de caricaturas que lhe mostrava os garotos singularmente retratados...

Uns de carapinha, outros com umas orelhas muito grandes, outros ainda muito feios — parecia uma parada interminável de monstros...

Divertia-se imenso a pregar partidas e, assim, tinha sempre a preocupação duma nova traquinice. Porém, se era marota, era também muito aplicada e isso relevava-lhe, até certo ponto, as suas diabruras.

Uma ocasião, a poucos dias do Carnaval, a Aldinha levou, escondido na sacola dos livros, um gafanhoto, que apanhara num jardim e, quando apanhou todos muito atentos a estudar, atirou com o insecto



para as carteiras da frente, estabelecendo o pânico. Ia sendo o fim do mundo!... O gafanhoto saltitava, esvoaçava, zumbia em torno dos alunos, espalhando o terror... e a Aldinha muito quieta, muito sizada (que ela sabia fazê-las!) continuava escrevendo a cópia, mostrando-se



alheia ao que se estava passando. Está claro que esta atitude calma, denunciou-a, salvando-a duma sova mestra apenas o facto de ser uma boa aluna, o que era, portanto, uma atenuante.

Mas isto de ser endiabrado tem os seus inconvenientes, e vocês bem o sabem, pois que não poucas vezes se têm arrependido de muita coisa.

Como esta lei é para todos — para

os que estudam e para os que não querem estudar — virou-se o feitico contra o feiticeiro, e a Aldinha apanhou um susto, em vez de o pregar!

Eu lhes conto: Numa manhã de primavera, à hora do recreio, andava ela em correrias no quintal. Patos, galinhas, perus, pintos, toda a criação andava num badanal à frente da pequenita, que a espantava. Na ânsia de correr, não reparou que no quintal havia um poço e, quando menos esperava, caiu lá dentro, apanhando um grande banho. Como o poço era pouco fundo e como no quintal havia muita gente, não sucedeu nada de grave e com a mesma facilidade com que caíra lá, tiraram-na depois para fóra.

Como acima digo, a Aldinha era muito inteligente e, por essa razão, levou o banho à conta de castigo. A pouco e pouco, deixou-se de diabruras, acabando por ser a aluna mais quietinha da classe.

Hoje, que é uma senhora, conta esta peripécia infantil aos seus meninos para que eles tenham juízo e não sejam endiabrados.



F

1

M